

NÃO APENAS O QUE DIZ, MAS COMO DIZ: A BÍBLIA COMO OBRA LITERÁRIA E TEOLÓGICA

NOT ONLY WHAT IT SAYS, BUT HOW IT SAYS IT: THE BIBLE AS A LITERARY AND THEOLOGICAL WORK

Cristiano Nickel Junior¹

RESUMO

Este artigo analisa a Bíblia como obra literária e teológica, investigando de que modo a forma textual participa da comunicação da revelação. A pesquisa, de caráter bibliográfico, qualitativo e hermenêutico-comparativo, parte da hipótese de que o sentido teológico da Escritura não se encontra apenas em proposições explícitas, mas também em gêneros, imagens, estruturas narrativas, repetições, elipses, símbolos e estratégias composicionais. Para isso, são examinadas as contribuições de Leland Ryken, Northrop Frye, Robert Alter e Bruce Waltke. Ryken fundamenta a leitura da Bíblia como arte verbal, com atenção aos gêneros e à concretude imagética; Frye evidencia sua arquitetura simbólica e arquetípica; Alter demonstra como a técnica narrativa produz sentido teológico; e Waltke articula forma literária e revelação a partir da noção de doutrina narrada. A discussão incorpora ainda a noção de *intentio operis*, de Umberto Eco, como critério para delimitar a abertura interpretativa do texto. Defende-se, assim, uma hermenêutica literário-teológica regulada, capaz de evitar tanto a fragmentação histórico-redacional quanto o literalismo dogmático e o simbolismo arbitrário. Conclui-se que a forma literária da Bíblia não é ornamento, mas mediação constitutiva de sua inteligibilidade teológica.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia. Literatura. Hermenêutica. Forma. Revelação.

ABSTRACT

This article analyzes the Bible as a literary and theological work, investigating how textual form participates in the communication of revelation. The research is bibliographical, qualitative, and hermeneutical comparative, based on the hypothesis that the theological meaning of Scripture is found not only in explicit propositions, but also in genres, images, narrative structures, repetitions, ellipses, symbols, and compositional strategies. To this end, the study examines the contributions of Leland Ryken, Northrop Frye, Robert Alter, and Bruce Waltke. Ryken grounds the reading of the Bible as verbal art, with attention to genres and imagistic concreteness; Frye highlights its symbolic and archetypal architecture;

¹ Licenciado em Música pela UNESPAR-FAP, especialista em Teologia Aplicada pela Faculdade Fidelis, licenciado em Letras Português/Espanhol pela UEPG e atualmente cursa especialização em Mídias na Educação pela UFPR. Presbítero da Igreja Presbiteriana Independente do Itaquí, em Campo Largo (PR), atua como professor de Língua Portuguesa na Lighthouse Escola Bilingue e como professor conteudista no curso de Bacharelado em Teologia na modalidade a distância da Faculdade Fidelis. E-mail: cristiano.nickel@fidelis.edu.br.

Alter shows how narrative technique produces theological meaning; and Waltke articulates literary form and revelation through the notion of narrated doctrine. The discussion also incorporates Umberto Eco's concept of *intentio operis* as a criterion for delimiting the interpretive openness of the text. The article therefore argues for a regulated literary-theological hermeneutic, capable of avoiding historical-redactional fragmentation, dogmatic literalism, and arbitrary symbolism. It concludes that the literary form of the Bible is not ornament, but a constitutive mediation of its theological intelligibility.

KEYWORDS: Bible. Literature. Hermeneutics. Form. Revelation.

INTRODUÇÃO

A forma literária da Escritura não é elemento acessório de sua comunicação teológica. Narrativas, poemas, genealogias, provérbios, parábolas, imagens, repetições, elipses e silêncios constituem modos específicos pelos quais o texto bíblico organiza e transmite sentido. A questão central, portanto, não consiste apenas em reconhecer que a Bíblia possui recursos literários, mas em investigar como esses recursos participam da elaboração de sua teologia.

Esta pesquisa parte da hipótese de que a revelação bíblica se comunica também por meio da forma. O sentido teológico não se encontra somente em proposições explícitas, mas na composição narrativa, na organização simbólica, na economia verbal e nas estratégias próprias de cada gênero. Desse modo, uma leitura adequada da Escritura exige atenção ao modo como o texto constrói sua mensagem, evitando tanto a fragmentação histórico-redacional que obscurece a forma final quanto à leitura dogmática que isola enunciados de seu funcionamento literário.

O estudo realiza uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e de caráter hermenêutico-comparativo. São analisadas as contribuições de Leland Ryken, Northrop Frye, Robert Alter e Bruce Waltke para a compreensão da Bíblia como obra literária e teológica. Ryken oferece a base genológica e estética; Frye, a leitura simbólica e arquetípica; Alter, a análise da técnica narrativa; Waltke, a articulação entre forma literária e revelação. A comparação entre esses autores permite identificar convergências, tensões e limites metodológicos de suas propostas.

A discussão incorpora ainda a noção de *intentio operis*, de Umberto Eco, como critério de controle interpretativo. A abertura simbólica do texto bíblico não autoriza arbitrariedade hermenêutica. A obra orienta e limita suas leituras possíveis por meio de sua coerência interna, de sua organização formal e de seus vínculos semânticos. Assim, a leitura literária da Bíblia precisa ser sensível à polissemia do texto, mas também responsável diante de seus limites.

Defende-se, portanto, uma hermenêutica literário-teológica regulada: literária, por reconhecer a centralidade da forma; teológica, por compreender essa forma como mediação da revelação; regulada, por submeter a interpretação à economia interna do texto. Ler a Bíblia como literatura, nesse sentido, é considerar que sua verdade se manifesta no modo como a Escritura narra, figura, repete, silencia e compõe.

1. RYKEN: A BÍBLIA COMO ARTE VERBAL

Para Leland Ryken, ler a Bíblia como literatura² implica adotar uma postura hermenêutica que reconheça a forma textual e estética como dimensão indispensável para a interpretação da Escritura. Tal leitura representa uma reorientação metodológica: em vez de conceber o texto bíblico apenas como repositório de proposições doutrinárias ou como documento histórico a ser reconstruído em suas camadas de formação, o leitor é convidado a reconhecê-lo como obra de arte verbal, composta por uma diversidade de gêneros literários, moldada por estruturas intencionais e marcada por uma organização estética própria. A verdade bíblica, nessa perspectiva, não se reduz ao conteúdo conceitual, pois se comunica também pela forma narrativa, poética e simbólica em que esse conteúdo se encarna (Ryken, 2017).

Ryken ocupa lugar decisivo por oferecer uma base estético-genológica para a leitura literário-teológica da Bíblia. Sua principal contribuição consiste em demonstrar que a interpretação da Escritura não pode prescindir da atenção aos

² É importante alertar o leitor que, ao longo deste estudo, será empregado um vocabulário oriundo da crítica literária, da semiótica e da teoria do mito, o qual pode provocar certo desconforto, sobretudo entre leitores familiarizados com abordagens exclusivamente devocionais ou doutrinárias da Escritura. Expressões como simbólico, mitológico, arquetípico, fábula, mimesis, poesis, encenação, drama, cena-tipo, entre outras, são utilizadas em seu sentido técnico, dentro do campo da crítica literária e da epistemologia narrativa. Referem-se a modos de representação da verdade por meio de estruturas narrativas, imagens e formas estéticas. Assim, ao falar da Bíblia como drama simbólico ou como narrativa mitopoética, não se nega sua autoridade ou veracidade teológica — mas se afirma que o modo como a Escritura comunica a revelação passa também pela forma, pela construção de sentidos e pela encenação simbólica da relação entre Deus e a humanidade.

gêneros, às imagens, às figuras de linguagem e à unidade composicional dos textos. Assim, Ryken desloca a leitura bíblica de uma busca imediata por abstrações doutrinárias para uma escuta mais atenta da materialidade verbal do texto. Esse deslocamento não elimina a teologia, mas a situa no interior da própria forma literária pela qual a Escritura comunica sua mensagem.

A chamada “revolução literária” nos estudos bíblicos nasce precisamente dessa inflexão. Ryken demonstra que teólogos e críticos literários convergem na constatação de que o texto bíblico exige ser lido em sua configuração literária final. Contra abordagens que o fragmentam prioritariamente em estratos hipotéticos, a leitura literária valoriza a composição do texto recebido, no qual estrutura e estilo não apenas acompanham o conteúdo, mas participam da construção do sentido. Gêneros como poesia, narrativa, parábola, provérbio e apocalipse, longe de funcionarem como ornamentos externos, constituem modos específicos de mediação da verdade teológica (Ryken, 2017, p. 9-11).

O traço mais característico dessa literatura, segundo o autor, é sua vocação imagética. As Escrituras preferem evocar sede a simplesmente definir espiritualidade (Sl 42.1); aludem ao esforço de um atleta em vez de apenas conceituar perseverança (2Tm 4.7). Salmos repletos de sensações, narrativas densas de ação e cartas saturadas de metáforas revelam que a Bíblia comunica experiências antes de sistematizar ideias. O leitor, nesse cenário, é convocado a imaginar, perceber e habitar o texto, evitando reduzi-lo prematuramente a um esquema lógico ou a uma fórmula conceitual (Ryken, 2017, p. 11).

Quadro 1 - Exemplos de concretude imagética na Bíblia segundo Ryken

Tema teológico	Expressão abstrata (conceitual)	Expressão bíblica concreta (imagética)	Gênero literário	Efeito no leitor
Sede espiritual	"O ser humano tem sede de Deus"	"Como a corça anseia por águas correntes, minha alma anseia por ti" (Sl 42.1)	Poesia – Salmo de desejo espiritual	Evoca desejo profundo, ativa a imaginação, gera identificação visceral
Perseverança cristã	"Devemos persistir na fé"	"Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé" (2Tm 4.7)	Epístola – Testemunho narrativo	Dramatiza a jornada cristã, encena esforço e triunfo espiritual
Amor ao próximo	"Amar o próximo como a si mesmo"	Parábola do bom samaritano (Lc 10.30–37)	Narrativa parabólica	Transforma mandamento em história, envolvendo emoção e julgamento ético

Provisão divina	"Deus é nosso sustento e guia"	"O Senhor é meu pastor, nada me faltará" (SI 23.1)	Poesia – Salmo de confiança	Concretiza o cuidado divino por meio de imagens pastorais
Santidade moral	"Deus deseja pureza de coração"	"Lava-me completamente da minha culpa e purifica-me do meu pecado" (SI 51.2)	Poesia – Salmo penitencial	Expressa purificação interior por meio de metáforas físicas e sensoriais
Fragilidade humana	"Somos frágeis e dependentes"	"O homem... é como a flor do campo" (SI 103.15–16)	Poesia – Salmo reflexivo	Concretiza a efemeridade humana com imagens naturais

Fonte: adaptado de Ryken (2017).

Essa ênfase na forma como dimensão do sentido prolonga-se na concepção da Bíblia como arte verbal. Para Ryken, as Escrituras apresentam ritmo, simetria, unidade composicional e padrões formais que produzem efeito estético e interpretativo. A sensibilidade artística do leitor, nesse horizonte, deixa de ser atributo periférico e passa a integrar o processo hermenêutico, pois a densidade do texto bíblico se manifesta também em sua ordenação verbal. Ler a Bíblia como literatura é, portanto, reconhecer que sua inspiração não se expressa apenas no conteúdo das afirmações, mas também na forma pela qual essas afirmações, imagens e narrativas foram organizadas (cf. Ryken, 2017, p. 23).

Outro ponto central da abordagem de Ryken é a diversidade de gêneros literários presentes na Escritura — narrativas, salmos, provérbios, apocalipses, epístolas —, cada qual com suas próprias convenções e exigências interpretativas. Ignorar essa variedade conduz a equívocos hermenêuticos, como tomar hipérboles poéticas por afirmações doutrinárias literais ou ler provérbios como promessas absolutas. A leitura literária requer atenção à lógica interna de cada forma, inclusive em passagens híbridas, nas quais estilos se entrelaçam, como ocorre em profecias poéticas, discursos sapienciais ou apocalipses simbólicos (cf. Ryken, 2017, p. 23).

Ryken destaca ainda a centralidade da linguagem figurada como traço característico da revelação bíblica. Metáforas, personificações, paradoxos, hipérboles e ironias permeiam todos os gêneros das Escrituras, inclusive textos de forte densidade doutrinária. Tais figuras não apenas ilustram ideias previamente formuladas; elas produzem sentido por meio de sua própria força

simbólica. A metáfora da videira e dos ramos, por exemplo, não apenas explica a união entre Cristo e os discípulos, mas a apresenta por meio de uma imagem orgânica de dependência, permanência e vida compartilhada. Nesse caso, a forma figurada não é substituível sem perda hermenêutica, pois a imagem participa da própria inteligibilidade teológica do texto (cf. Ryken, 2017, p. 24).

Quadro 2 - Exemplos de figuras de linguagem e seu significado teológico

Figura de linguagem	Texto bíblico	Significado teológico por meio da forma
Metáfora	“Eu sou a videira; vocês são os ramos” (Jo 15.5)	Jesus comunica união e dependência vital com os discípulos de forma sensorial e orgânica.
Personificação	“O pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo” (Gn 4.7)	O pecado é retratado como uma fera viva à espreita, intensificando a urgência ética.
Paradoxo	“Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Co 12.10)	A força espiritual se revela na vulnerabilidade humana — uma verdade teológica expressa por choque linguístico.
Ironia	“Elias zombava deles, dizendo: Gritem mais alto! [...] talvez esteja dormindo...” (1Rs 18.27)	A ironia revela a impotência dos falsos deuses diante do Deus vivo, acentuando o contraste espiritual.
Hipérbole	“Se teu olho te faz tropeçar, arranca-o” (Mc 9.47)	O exagero retórico enfatiza a seriedade do pecado e a urgência radical do arrependimento.
Símile (comparação)	“Como a corça anseia por águas correntes, assim minha alma anseia por ti” (Sl 42.1)	A busca por Deus é descrita com uma imagem natural de necessidade vital, despertando empatia e desejo.
Antítese	“O salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna” (Rm 6.23)	O contraste entre morte e vida explicita a centralidade da graça na salvação.
Metonímia	“A espada devorará” (Jr 2.30)	A espada representa a guerra e o juízo — figura que transforma o instrumento em sujeito da ação.
Anáfora	“Há tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou...” (Ec 3.2)	A repetição inicial enfatiza o ritmo cíclico da vida sob a soberania divina.
Elipse	“E chamou o Senhor Deus ao homem e perguntou: Onde estás?” (Gn 3.9)	A omissão da resposta direta explicita o drama do afastamento e convida à reflexão existencial.

Fonte: O autor (2025).

Outro ponto destacado por Ryken é a unidade literária como princípio hermenêutico essencial. A Bíblia deve ser lida em blocos textuais inteiros — narrativas, salmos, epístolas e unidades discursivas —, e não apenas como coleção de fragmentos isolados. Nesse ponto, sua crítica se dirige tanto a abordagens de orientação histórico-crítica quanto a leituras conservadoras de caráter atomizado. Embora partam de pressupostos diferentes, ambas podem

produzir efeito semelhante: a desarticulação da integridade estética e teológica do texto (Ryken, 2017, p. 27-28).

As leituras marcadas pela crítica das fontes e pela alta crítica frequentemente fragmentam a Escritura em estratos redacionais (J, E, D, P)³, concebendo-a prioritariamente como produto de edições tardias, tensões internas e processos de composição. Gênesis 1–2, por exemplo, é muitas vezes interpretado como justaposição de relatos contraditórios, quando também pode ser lido como composição complementar, organizada por simetria literária e densidade simbólica. Essa observação não exige descartar integralmente a investigação histórica da formação do texto; antes, indica que a análise da história redacional precisa ser articulada à consideração da forma final, para que a coesão literária e a função teológica do texto recebido não sejam obscurecidas.

As abordagens conservadoras, por sua vez, mesmo quando afirmam a autoridade das Escrituras, podem incorrer em procedimento inverso: extrair proposições doutrinárias de versículos isolados, desconsiderando gênero, contexto literário e estratégia discursiva. Textos poéticos ou sapienciais passam, então, a ser tratados como fórmulas legais ou garantias absolutas. Provérbios 22.6 — “Ensina a criança no caminho em que deve andar...” —, quando lido como promessa infalível de salvação futura, perde sua natureza proverbial, pedagógica e sapiencial, sendo deslocado para uma função dogmática que o próprio gênero não autoriza plenamente (cf. Ryken, 2017, p. 28).

A contribuição de Ryken, portanto, consiste em recolocar a forma literária no centro da responsabilidade hermenêutica. Seu argumento permite afirmar que a teologia bíblica não se encontra apenas em declarações explícitas, mas também nos modos literários pelos quais o texto organiza a experiência da fé.

Contudo, sua proposta também apresenta um limite que precisa ser considerado: ao valorizar intensamente a unidade estética e a forma final da Escritura, Ryken tende a tratar com menor ênfase as tensões históricas,

³ A hipótese documentária, também conhecida como teoria JEDP, propõe que o Pentateuco é composto por quatro documentos redacionais independentes: Javista (J), Eloísta (E), Deuteronomista (D) e Sacerdotal (P). Esta teoria foi consolidada por Julius Wellhausen no século XIX, dentro de uma matriz evolucionista da religião de Israel, segundo a qual os textos mais antigos (J e E) refletiriam uma teologia mais antropomórfica e narrativa, ao passo que os mais recentes (D e P) expressariam uma teologia mais legalista e institucional. No caso de Gênesis 1–11, essa hipótese foi utilizada para explicar duplicações, tensões e variações estilísticas. Por exemplo, o relato da criação em Gênesis 1 é geralmente atribuído à fonte sacerdotal (P), com ênfase na ordem, nas categorias cósmicas e no sabbatismo; já Gênesis 2–3 seria associado à fonte javista (J), com linguagem mais antropomórfica e narrativa fluida. Embora essa teoria tenha sido influente na exegese moderna, muitos estudiosos contemporâneos questionam sua rigidez e fragmentação excessiva, defendendo abordagens literárias e canônicas que valorizam a unidade final do texto, como faz, por exemplo, Robert Alter com sua análise da arte narrativa hebraica.

redacionais e teológicas que atravessam o processo de formação dos textos bíblicos. Sua crítica à fragmentação é pertinente, mas não elimina a necessidade de um modelo interpretativo capaz de articular unidade literária, complexidade histórica e responsabilidade teológica.

Ler a Bíblia como literatura, a partir de Ryken, é reconhecer que imaginação, gênero, forma estética e experiência concreta participam da mediação da verdade bíblica. Por meio da beleza, da estrutura e da arte da linguagem, a Escritura se apresenta como totalidade verbal e simbólica. Essa leitura não substitui a teologia; antes, demonstra que a teologia bíblica frequentemente se realiza por meio da forma literária que a comunica (Ryken, 1993, p. 16).

2. NORTHROP FRYE: ESTRUTURA ARQUETÍPICA DA BÍBLIA

Northrop Frye parte de uma concepção arquetípica da Escritura. Para o autor, o texto bíblico pode ser compreendido como uma “mitologia verdadeira”, expressão que exige precisão conceitual. No campo da crítica literária, mito não designa necessariamente ficção ou falsidade, mas uma narrativa estruturante, capaz de organizar imagens, valores, símbolos e formas de percepção da realidade. Nesse sentido, a Bíblia constitui uma narrativa simbólica⁴ que moldou profundamente a imaginação, a linguagem e a cultura do Ocidente (cf. Frye, 2021, p. 11-12). Sua força não reside apenas na formulação de conceitos religiosos, mas na articulação de imagens e padrões narrativos que organizam a experiência humana em torno de temas fundamentais, como criação, queda, redenção e consumação.

A contribuição de Frye desloca a leitura literária da Bíblia do nível dos gêneros e figuras para o plano mais amplo da arquitetura simbólica. Se Ryken enfatiza a concretude verbal, a diversidade genológica e a atenção à forma textual, Frye amplia essa discussão ao demonstrar que a Escritura opera

⁴ Ao longo deste trabalho, o termo *simbólico* aparecerá com frequência para descrever estruturas, linguagens e imagens presentes no texto bíblico. É fundamental compreender, desde o início, que *simbólico* aqui não se opõe ao *real* ou ao *verdadeiro*, mas designa uma forma elevada de significação. Conforme Northrop Frye (2021), a Bíblia deve ser lida como uma *narrativa simbólica* — isto é, uma história que articula imagens recorrentes (jardim, árvore, cidade, rio, etc.) com valor arquetípico e formador. O símbolo, nessa perspectiva, não é um enfeite literário nem uma abstração, mas um instrumento revelacional que organiza o imaginário, estrutura a experiência e traduz o invisível em linguagem. “O símbolo não é algo que *representa* uma verdade externa — ele *contém* essa verdade em forma dramática e visionária” (Frye, 2021, p. 68). Assim, ler a Bíblia como narrativa simbólica é reconhecer que a sua verdade se manifesta não apenas no conteúdo, mas na forma com que ela molda nossa percepção da realidade, da história e do sagrado.

também por meio de uma rede recorrente de imagens. Jardim, árvore, pão, rio, monte e cidade atravessam o texto bíblico, criando ressonâncias internas que ultrapassam os limites de passagens isoladas e compõem uma estrutura simbólica abrangente (cf. Frye, 2021, p. 18). O sentido bíblico, nessa perspectiva, não se fixa apenas por definições abstratas, mas por justaposição, repetição, contraste e tipologia.

Essa recorrência imagética tem implicações hermenêuticas relevantes. A imagem do jardim, por exemplo, não se limita ao Éden de Gênesis 2–3, mas reaparece como memória da criação, figura da comunhão perdida e horizonte escatológico de restauração. A cidade, por sua vez, possui função ambivalente: pode representar a rebelião humana, como em Babel, mas também a consumação da esperança, como na Nova Jerusalém. Assim, o símbolo bíblico não é estático. Seu significado se constrói na circulação canônica das imagens, nas tensões entre seus usos e na ampliação progressiva de suas ressonâncias teológicas.

Quadro 3 - Arquétipos bíblicos e suas ressonâncias literárias: simbolismo recorrente da Bíblia à literatura ocidental e brasileira

Imagem bíblica	Função simbólica na Bíblia	Exemplo na literatura ocidental	Exemplo na literatura de língua portuguesa
Jardim	Símbolo da criação, da presença divina e da perda da comunhão (Gn 2–3)	<i>O paraíso perdido</i> (John Milton) — o Éden como palco da queda cósmica e da nostalgia do paraíso original	<i>A paixão segundo G.H.</i> (Clarice Lispector) — o quarto como espaço edênico interior, onde a ruptura com o “outro” revela uma revelação invertida
Árvore	Símbolo da escolha moral, da vida e da sabedoria (Gn 2.9; Pv 3.18; Ap 22.2)	<i>O Silmarillion</i> (J. R. R. Tolkien) — as Árvores de Valinor como fontes de luz, criação e esperança escatológica	<i>Grande sertão: veredas</i> (Guimarães Rosa) — a árvore como encruzilhada simbólica de morte, revelação e destino
Pão	Símbolo da provisão divina e da encarnação do Verbo (Êx 16; Jo 6.35)	<i>Os irmãos Karamázov</i> (Fiódor Dostoiévski) — o pão da primeira tentação como símbolo do messianismo materialista	<i>Morte e vida severina</i> (João Cabral de Melo Neto) — o pão como ausência e denúncia social, mas também promessa escatológica de justiça
Rio	Símbolo de vida, bênção e transformação espiritual (Sl 46.4; Ez 47; Jo 7.38)	<i>A divina comédia</i> (Dante Alighieri) — o rio Letes, símbolo de purificação e esquecimento do pecado antes da visão beatífica	<i>Livro das ignoranças</i> (Manoel de Barros) — o rio como metáfora da infância, da linguagem e da ressurreição poética do mundo
Monte	Lugar de revelação, mediação e transfiguração (Êx 19; Mt 5; Mc 9.2)	<i>Os irmãos Karamázov</i> (Fiódor Dostoiévski) — o alto do “Grande Inquisidor” como paródia	<i>A cidade e as serras</i> (Eça de Queirós) — a serra como espaço de epifania e

		teológica do sermão da montanha	reconciliação com a ordem natural e espiritual
Cidade	Ambivalência humana: rebelião e redenção (Gn 11; Ap 21)	<i>Ulisses</i> (James Joyce) — Dublin como labirinto existencial e espelho da busca espiritual por sentido e redenção	<i>São Bernardo</i> (Graciliano Ramos) — a cidade como espaço de queda ética, julgamento interior e desintegração da linguagem

Fonte: O autor (2025).

O quadro acima não pretende estabelecer relações diretas de dependência entre cada obra literária e os textos bíblicos mencionados. Sua função é demonstrar, em chave comparativa, a permanência de determinadas imagens bíblicas como matrizes simbólicas do imaginário literário ocidental e de língua portuguesa. Essa distinção é metodologicamente necessária, pois evita transformar analogias imagéticas em afirmações causais não demonstradas. O interesse, aqui, está menos em provar influência direta e mais em evidenciar a capacidade dos arquétipos bíblicos de reaparecerem em contextos literários diversos, com deslocamentos, inversões e ressignificações.

A dimensão simbólica da Escritura, na leitura de Frye, ultrapassa a esfera estritamente literária e alcança a linguagem como força de transformação. Em O poder das palavras, o autor descreve uma tipologia dos modos verbais que culmina no discurso do *kerygma*, situado no ápice da experiência linguística. Diferentemente dos registros descritivo, conceitual ou retórico, o *kerygma* é linguagem de proclamação: convoca, interpela e produz impacto existencial (cf. Frye, 2022, p. 212). Seu objetivo não é apenas explicar uma realidade exterior, mas instaurar um horizonte de sentido que atinge a consciência, reformula percepções e exige resposta.

Nesse registro, a Escritura realiza sua potência como voz que se dirige ao leitor de modo direto e transformador. O *kerygma* não se limita à transmissão de um conteúdo religioso; constitui um acontecimento de linguagem que altera o horizonte do sujeito e reconfigura sua relação com o real. A linguagem bíblica, nesse ponto, não apenas instrui ou persuade, mas funda um mundo simbólico no qual a verdade não é apenas deduzida, mas reconhecida, acolhida e respondida. Ler a Bíblia, sob essa perspectiva, significa perceber como a forma verbal participa da própria força convocatória do texto.

Essa concepção está vinculada à estrutura dos modos verbais proposta por Frye, na qual a linguagem se organiza desde registros mais empíricos e

descritivos até formas mais densas de experiência simbólica e proclamativa. O discurso bíblico manifesta sua força não apenas por coerência lógica ou por comprovação histórica, mas por sua capacidade de mobilizar imagens fundadoras, moldar o imaginário e oferecer ao leitor um novo campo de experiência diante do texto (cf. Frye, 2022, p. 244). Essa formulação, contudo, requer cuidado teológico: Frye escreve primariamente como crítico literário, não como exegeta confessional ou teólogo sistemático. Por isso, sua contribuição é especialmente fecunda para compreender a estrutura imaginativa da Escritura, mas não resolve, por si só, questões relativas à inspiração, à historicidade e à normatividade do texto bíblico.

Em *A imaginação educada*, Frye sustenta que metáforas, arquétipos e padrões narrativos não servem apenas para ilustrar ideias; eles estruturam a própria percepção da realidade e do sagrado (Frye, 2023a). A linguagem do kerygma, nesse contexto, opera como ponto de inflexão entre o texto e o leitor, entre a forma estética e o impacto existencial. Nesse encontro, o leitor não permanece apenas como intérprete externo de um objeto literário, mas é também interpretado pelo texto, na medida em que sua imaginação, sua visão de mundo e sua compreensão da realidade são reorganizadas pela linguagem bíblica.

Quadro 4 - Modos de linguagem segundo Northrop Frye

Categoria	Modo metafórico	Modo didático	Kerygma (modo proclamativo)
Natureza	Imaginativa, simbólica	Argumentativa, instrucional	Proclamativa, transformadora
Objetivo	Evocar sentidos profundos e múltiplos	Ensinar conceitos, doutrinas, princípios	Convocar o leitor à resposta interior e existencial
Função principal	Despertar a imaginação poética	Formar a mente racional e moral	Gerar fé, conversão e comunhão com a realidade espiritual
Exemplo bíblico	Salmos, Provérbios, parábolas	Códigos legais, instruções sapienciais, epístolas didáticas	Pregações de Jesus, profecias, proclamação apostólica
Leitor ideal	Leitor contemplativo e sensível ao símbolo	Leitor atento à lógica e à ética do texto	Leitor vulnerável, aberto ao impacto do anúncio espiritual
Resultado esperado	Compreensão estética e simbolização do mundo	Aprendizado de normas e valores	Transformação do coração e engajamento com a verdade espiritual
Tipo de verdade	Verdade simbólica, polissêmica	Verdade lógica, doutrinária	Verdade encarnada e vivida
Correspondência atual	Poesia, literatura	Teologia sistemática	Pregação, liturgia

Fonte: adaptado de Frye (2021).

A partir dessa perspectiva, leituras estritamente literalistas, abordagens exclusivamente histórico-descritivas e reduções dogmáticas tendem a não perceber a profundidade simbólica da linguagem bíblica. Frye não nega que a Escritura contenha doutrina, história e instrução; sua crítica incide sobre leituras que isolam esses elementos da arquitetura verbal que lhes confere densidade imaginativa e força formativa (cf. Frye, 2022, p. 249). A Bíblia, nesse modelo, não é apenas um sistema de verdades objetivas dispostas em forma conceitual, mas um espaço simbólico de escuta, imaginação e esperança.

A leitura literária da Bíblia, segundo Frye, assume, portanto, uma função hermenêutica e formativa. O leitor participa ativamente do processo interpretativo, não no sentido de criar significados arbitrários, mas de responder ao texto a partir da rede simbólica que a própria Escritura constrói. A linguagem da fé, nesse horizonte, não se reduz a uma abstração doutrinária; apresenta-se como drama simbólico que organiza a imaginação e encena a relação entre Deus, mundo e humanidade (cf. Frye, 2021, p. 169; Frye, 2022, p. 250).

A força da proposta de Frye está em mostrar que a Bíblia não apenas contém símbolos, mas organiza uma estrutura simbólica abrangente. Com isso, sua abordagem amplia a compreensão da forma literária: ela não se restringe ao estilo, ao gênero ou à técnica narrativa, mas alcança a configuração profunda do imaginário bíblico. Seu limite, porém, está justamente na amplitude dessa categoria. Quando não controlado por critérios exegéticos, históricos e teológicos, o arquétipo pode tornar-se excessivamente elástico, permitindo aproximações sugestivas, mas pouco verificáveis. Além disso, a leitura fryeana tende a privilegiar a unidade imaginativa da Bíblia e sua recepção cultural, enquanto deixa em segundo plano a particularidade histórica dos textos, suas tensões internas e sua inserção canônica.

A concepção arquetípica de Frye permite compreender, por exemplo, Gênesis 1—11⁵ como narrativa fundante e como gramática simbólica que

⁵ Gênesis 1—11 constituiu o objeto do meu Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Letras pela UEPG (2023), posteriormente desenvolvido e publicado em forma de artigo acadêmico. Nessa investigação, o texto é abordado prioritariamente como unidade literário-teológica, reconhecendo-se a presença de formas narrativas, estruturas simbólicas, paralelismos, padrões etiológicos e recursos poéticos que organizam sua mensagem. Tal perspectiva não nega a dimensão canônica ou teológica da Escritura, mas procura compreender como o sentido se

modela o imaginário teológico e antropológico da fé. Criação, queda, violência, dilúvio, dispersão e promessa não aparecem apenas como episódios sucessivos, mas como padrões narrativos que organizam uma visão de mundo. Ainda assim, para que essa leitura alcance maior rigor acadêmico e teológico, é necessário articular o simbolismo bíblico à forma concreta dos textos e aos seus respectivos contextos literários, históricos e canônicos.

3. ROBERT ALTER: ARTE NARRATIVA E TEOLOGIA DO INDIZÍVEL

A hermenêutica literária proposta por Robert Alter representa uma das reformulações mais relevantes da leitura bíblica no século XX. Ao tratar a Bíblia Hebraica como obra literária de alta complexidade estilística, Alter desloca o foco da reconstrução hipotética das fontes para a análise da forma final do texto. Sua contribuição consiste em demonstrar que a narrativa bíblica comunica sentido teológico não apenas por meio de declarações explícitas, mas pela organização formal do enredo, pelo uso da repetição, da elipse, da ironia, do diálogo e da caracterização indireta das personagens. A teologia, nesse modelo, não aparece como sistema conceitual previamente organizado, mas como sentido dramatizado na própria composição narrativa (Alter, 1992, p. 21).

Em *A arte da narrativa bíblica*, Alter argumenta que o texto bíblico emprega um repertório técnico sofisticado, composto por paralelismos narrativos, repetição com variação, elipses, ironia e cenas-tipo. Esses recursos não funcionam apenas como ornamentos literários, mas como procedimentos de construção de sentido. A repetição, por exemplo, não é mera duplicação; ela cria comparação, contraste e progressão. A elipse não indica pobreza narrativa, mas exige inferência do leitor. A ironia, por sua vez, produz discernimento moral sem que o narrador precise explicitar todos os juízos. Desse modo, a forma narrativa participa diretamente da produção do sentido teológico (cf. Alter, 2007, p. 47).

Quadro 5 – Técnicas narrativas segundo Robert Alter: descrição e exemplificação bíblica

constrói também por meio da forma literária. O leitor que desejar aprofundar essa abordagem hermenêutica pode consultar o artigo disponível em: NICKEL JUNIOR, Cristiano; FREITAS, Lincoln Felipe; SOUZA, Clayton Lima de. Uma análise literária de Gênesis 1—11. *Revista Cógito*, Curitiba, v. 3, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.fidelis.edu.br/index.php/cognito/article/view/70>. Acesso em: 18 fev. 2026.

Técnica narrativa	Descrição	Exemplo bíblico citado por Alter
Repetição com variação	Uso reiterado de palavras, temas ou cenas com pequenas variações que criam ressonância simbólica e revelação progressiva.	“Reconhece, por favor” (Gn 37 e 38) — expressão repetida em contextos distintos que invertem papéis e expõem a justiça narrativa.
Elipse (omissão deliberada)	Supressão proposital de informações ou sentimentos, exigindo inferência ativa do leitor.	Sacrifício de Isaque (Gn 22) — silêncio total quanto às emoções de Abraão e Isaque, convidando à leitura espiritual subentendida.
Ironia dramática	Contraste entre o que o personagem sabe e o que o leitor sabe, gerando tensão e revelação moral.	Judá é enganado por Tamar (Gn 38) — o enganador é, ironicamente, enganado.
Cenas-tipo (<i>type-scenes</i>)	Padrões narrativos repetidos com variações significativas que criam expectativas e revelações simbólicas.	Encontros no poço (Gn 24, 29; Êx 2) — estrutura recorrente com variações que revelam o propósito divino.
Economia verbal	Estilo conciso em que cada palavra tem peso teológico e simbólico, evitando descrições excessivas.	História de José — economia narrativa intensa, sem exposições, mas carregada de simbolismo.
Ambiguidade deliberada	Multiplicidade de sentidos possível sem resolução explícita; o texto exige discernimento ético e espiritual.	Saul e Davi — personagens complexos, simultaneamente elevados e decaídos, sem julgamento explícito.
Narrador reticente	O narrador evita explicações ou julgamentos, delegando ao leitor a responsabilidade interpretativa.	Jacó, Saul, Tamar — o narrador não julga; cabe ao leitor inferir motivações e sentido.
Construção simbólica de personagens	A caracterização ocorre por ações, diálogos e padrões simbólicos, e não por descrições diretas.	Jacó — de enganador a reconciliado; transformação se dá por meio da repetição narrativa e das decisões ao longo do texto.
Diálogo como revelação teológica	Conversas revelam conflitos morais e profundidades teológicas sem exposição direta.	Moisés e Deus; Judá e Tamar — diálogos densos que articulam revelação, juízo e reconciliação.
Reconhecimento (<i>anagnórisis</i>)	Momento decisivo em que o personagem toma consciência de uma verdade moral, espiritual ou relacional, que altera o rumo da narrativa.	“Tu és esse homem” (2Sm 12) — o profeta Natã confronta Davi, levando-o ao reconhecimento de sua culpa.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Alter (2007; 1992).

Ao destacar o caráter artístico da narrativa bíblica, Alter não reduz o texto à ficção nem o separa de sua função religiosa. Sua leitura sugere que a dimensão teológica da Bíblia Hebraica se manifesta justamente na contenção verbal, nas ambiguidades e nos silêncios do narrador. A ausência de comentários explícitos sobre as emoções de Abraão em Gênesis 22, por exemplo, não representa lacuna acidental. O silêncio narrativo intensifica a gravidade da cena e obriga o leitor a enfrentar a tensão do relato sem mediação explicativa. Essa “poética do silêncio” é um dos modos pelos quais a narrativa

bíblica preserva a densidade do sagrado sem reduzi-lo a explicações diretas (cf. Alter, 2007, p. 47).

Em *The World of Biblical Literature*, Alter amplia essa perspectiva ao defender que a coesão da Bíblia Hebraica não depende de uniformidade autoral ou doutrinária, mas de uma coerência literária perceptível na forma final do texto. Ecos internos, duplicações, tensões e recorrências não precisam ser lidos apenas como sinais de fontes em disputa ou de redações sobrepostas; podem funcionar também como estratégias compositivas. A crítica de Alter não elimina a importância da investigação histórica, mas contesta sua pretensão de explicar o texto bíblico apenas pela decomposição de suas camadas. O sentido literário e teológico emerge, sobretudo, da configuração recebida do texto (cf. Alter, 1992, p. 49).

Essa posição aparece de modo claro nos relatos envolvendo Abraão, Isaque e Jacó. As cenas em que esposas são apresentadas como irmãs (Gn 12; 20; 26), por exemplo, não constituem apenas repetição de um motivo tradicional. Elas criam uma sequência comparativa que permite observar recorrências familiares, ambiguidades morais e a permanência da promessa divina apesar da fragilidade humana. A repetição com variação, nesse caso, constrói teologia por contraste e acumulação narrativa. O leitor percebe o agir divino não por uma explicação doutrinária direta, mas pela disposição dos episódios e pelas relações que se estabelecem entre eles (cf. Alter, 2007, p. 114).

A ironia desempenha função semelhante. Personagens como Jacó, Saul e Davi são construídos com complexidade moral, escapando de classificações imediatas. O narrador bíblico raramente interrompe a narrativa para oferecer julgamentos fechados; ele conduz o leitor por ações, diálogos, consequências e reversões. Em Gênesis 38, Judá, que participara do engano contra Jacó, é enganado por Tamar e levado ao reconhecimento de sua culpa. A ironia não apenas produz efeito literário; ela organiza um juízo moral dentro da própria narrativa. A teologia aparece, portanto, como discernimento produzido pelo enredo (cf. Alter, 1992, p. 59).

Nesse ponto, Alter aprofunda a discussão iniciada por Ryken e ampliada por Frye. Ryken valoriza a forma literária como condição de leitura; Frye evidencia a estrutura simbólica e arquetípica da Escritura; Alter, por sua vez, mostra como o sentido teológico é produzido na microestrutura da narrativa. Sua

contribuição é menos panorâmica que a de Frye e mais analítica: interessa-lhe observar como uma palavra repetida, uma cena retomada, um silêncio narrativo ou uma fala ambígua alteram a compreensão do texto. Com isso, a leitura literária deixa de ser apenas apreciação estética e passa a operar como método rigoroso de interpretação.

A conhecida formulação segundo a qual, em Alter, “o estilo é teologia” sintetiza esse princípio. A forma como a Bíblia diz o que diz participa do próprio conteúdo que comunica. A escolha por narrar em vez de explicar, por sugerir em vez de definir, por repetir em vez de sistematizar, não é neutra. Esses procedimentos constituem uma forma específica de pensamento teológico, mais próxima do drama, da memória e do discernimento narrativo do que da exposição conceitual (cf. Alter, 2007, p. 34).

Essa abordagem, contudo, também apresenta limites. Alter é particularmente eficaz na análise da narrativa hebraica, mas sua proposta não pretende oferecer uma teologia normativa da revelação. Sua leitura permanece, em grande medida, no campo da crítica literária, ainda que reconheça a função religiosa do texto. Por isso, quando se afirma que a forma narrativa comunica teologia, é necessário distinguir entre a análise literária do funcionamento do texto e a elaboração propriamente teológica de sua autoridade, inspiração e recepção comunitária. Alter mostra como o texto produz sentido; não desenvolve, com a mesma intensidade, os critérios confessionais pelos quais esse sentido é recebido como revelação.

Além disso, sua crítica à fragmentação histórico-redacional precisa ser compreendida com equilíbrio. A atenção à forma final corrige reduções que transformam o texto bíblico apenas em vestígio de processos composicionais. No entanto, a história da formação textual não deve ser simplesmente descartada. As duplicações, tensões e variações podem ter origem em processos redacionais complexos e, ao mesmo tempo, adquirir função literária na forma final. O ganho da proposta de Alter está justamente em impedir que a análise das fontes anule a leitura do texto como obra composta.

A contribuição de Alter para uma hermenêutica literário-teológica demonstra que a teologia bíblica pode emergir da narrativa sem precisar ser convertida imediatamente em proposições abstratas. Repetições, elipses, diálogos, ironias e ambiguidades não são acessórios estilísticos; são

procedimentos pelos quais o texto organiza a experiência do sagrado, a complexidade humana e o discernimento moral. Ainda assim, sua proposta precisa ser complementada por uma reflexão teológica mais explícita sobre a revelação, tarefa que encontra maior desenvolvimento em Bruce Waltke.

Em Gênesis, esse paradigma mostra sua fecundidade. A criação é narrada por estruturas de ordem e separação; o juízo reaparece em ciclos; os nomes carregam função simbólica; e os projetos humanos são continuamente confrontados por uma soberania divina que nem sempre é explicada, mas narrativamente afirmada. A “teologia do indizível”, nesse contexto, não indica ausência de sentido, mas uma forma de comunicação na qual o texto preserva o mistério por meio da contenção verbal. A narrativa bíblica não apenas relata eventos; ela constrói um espaço de escuta em que a forma literária se torna mediação de sentido teológico.

4. BRUCE WALTKE: DOUTRINA NARRADA E REVELAÇÃO FORMAL

A hermenêutica literário-teológica de Bruce Waltke articula forma narrativa, teologia bíblica e doutrina da revelação. Diferentemente de abordagens que tratam a forma literária apenas como recurso estético, Waltke entende que a composição final do texto participa da comunicação teológica. Em sua leitura de Gênesis, a narrativa bíblica não é apenas o registro de acontecimentos religiosos, mas uma construção literária orientada por uma visão teológica da realidade. A forma do texto — seus enredos, repetições, genealogias, simetrias e silêncios — não é separável da verdade que ele comunica (cf. Waltke, 2003, p. 9-10).

No centro de sua abordagem está a convicção de que a narrativa bíblica funciona como matriz da doutrina. Gênesis não apresenta sua teologia por meio de proposições sistemáticas, mas por meio de histórias, conflitos, genealogias, bênçãos, juízos e promessas. A doutrina aparece narrada, isto é, incorporada à progressão dramática do texto. Criação, queda, dilúvio, aliança e dispersão não são apenas episódios sucessivos; são formas narrativas pelas quais se comunica uma compreensão de Deus, do mundo e da condição humana. A teologia, portanto, não está simplesmente “por trás” da narrativa, como conteúdo a ser extraído, mas se manifesta na própria organização literária do relato.

A forma final do texto possui, nesse sentido, relevância teológica. Recursos como quiasmos, inclusões, repetições simbólicas, genealogias estilizadas e cenas recorrentes não apenas conferem beleza ou unidade ao texto, mas orientam sua interpretação. Em Gênesis 5 e 10, por exemplo, as genealogias não funcionam como simples catálogo de nomes. Elas organizam a memória da humanidade, articulam continuidade e ruptura, e situam a história humana sob o horizonte da bênção, do juízo e da promessa. De modo semelhante, os ciclos de queda, juízo e graça, presentes em Gênesis 1—11, demonstram que a narrativa possui uma lógica teológica interna: a ação humana é marcada por ruptura, mas a ação divina preserva a história de sua dissolução completa.

Nesse ponto, Waltke se aproxima de Robert Alter ao reconhecer que a forma literária produz sentido. Ambos atribuem peso interpretativo à repetição, à economia verbal, aos padrões narrativos e à configuração final do texto. A diferença principal está no fundamento teológico da leitura. Alter descreve a sofisticação literária da narrativa bíblica e mostra como a teologia emerge da técnica narrativa; Waltke, por sua vez, interpreta essa forma a partir de uma concepção confessional da revelação. Para Alter, a arte narrativa é o meio pelo qual o texto sugere, dramatiza e complexifica o sentido. Para Waltke, essa mesma arte está vinculada à inspiração e à intenção teológica da Escritura.

Essa distinção é decisiva. Em Waltke, a elipse, a ambiguidade e o silêncio narrativo não são apenas efeitos literários, mas também modos de preservar a transcendência divina no interior da linguagem humana. A narrativa bíblica não explica tudo, não psychologiza excessivamente suas personagens e não reduz Deus a um conceito controlável. Sua contenção verbal impede que o mistério seja dissolvido em explicações diretas. A forma narrativa, assim, permite que a revelação se comunique sem perder sua densidade teológica.

A noção de “doutrina narrada” sintetiza essa perspectiva. A Escritura não apresenta a doutrina como abstração lógica, mas como drama histórico. O pacto, o juízo, a eleição, a providência e a esperança são encenados na progressão da narrativa. A verdade teológica se manifesta na ação, no conflito, na repetição, na promessa e na resposta humana diante de Deus. Desse modo, a leitura de Waltke impede que a teologia bíblica seja reduzida à extração de enunciados

isolados; ela exige atenção ao modo como o texto organiza literariamente sua mensagem.

Quadro 7 – Doutrina narrada: como a teologia se encarna na história

Elemento narrativo	Valor doutrinário implícito	Protagonismo divino	Implicação para o leitor
Enredo	A história não é acidental, mas governada pela providência	Deus conduz o drama humano mesmo em meio ao pecado	Confiança na soberania de Deus
Personagens complexas	Retratadas com ambiguidade moral e espiritual	Deus não depende de heróis perfeitos	O leitor é convidado à transformação, não ao heroísmo
Padrões simbólicos	Repetições dramáticas de queda–juízo–graça	A aliança se renova apesar da corrupção	Esperança e responsabilidade moral
Silêncio do narrador	Elipses e omissões convidam à escuta ética	Deus se revela também por meio do não-dito	O leitor deve discernir com temor e reverência
Ambientes teológicos	Jardim, arca, torre — mais que cenários, são lugares teológicos	O espaço é mediação da revelação	A realidade é vocacionada como lugar da fé

Fonte: adaptado de Waltke (2003).

Waltke também se distingue de Frye no tratamento dos símbolos bíblicos. Frye lê imagens como jardim, árvore, arca, torre, bênção e maldição dentro de uma estrutura arquetípica que molda a imaginação ocidental. Waltke, embora reconheça a força simbólica dessas imagens, interpreta-as a partir da história da redenção. O símbolo, em sua leitura, não é apenas uma matriz cultural recorrente, mas um elemento integrado ao drama da aliança. A arca, por exemplo, não é somente imagem de preservação diante do caos; é também sinal narrativo do juízo e da misericórdia de Deus. A torre de Babel não é apenas símbolo da ambição humana; é a encenação literária de uma humanidade que busca unidade e grandeza fora da obediência ao Criador (cf. Waltke, 2003, p. 59-60).

Essa leitura confere maior densidade teológica à análise literária, mas também apresenta um ponto de tensão. Por operar a partir de uma perspectiva confessional e cristocêntrica, Waltke tende a integrar os textos em uma unidade teológica mais ampla. Esse procedimento é coerente com sua compreensão da Escritura, mas exige cautela metodológica. A leitura canônica e cristocêntrica não deve apagar a particularidade literária de cada passagem nem reduzir as

tensões narrativas a uma harmonia previamente estabelecida. A força de sua proposta está em mostrar que a forma bíblica é teologicamente significativa; seu risco está em antecipar a síntese doutrinária antes de escutar suficientemente a resistência e a complexidade do próprio texto.

Ainda assim, sua contribuição é fundamental para uma hermenêutica literário-teológica. Ryken demonstra a importância dos gêneros e da concretude verbal; Frye evidencia a rede simbólica da Escritura; Alter analisa os mecanismos narrativos que produzem sentido; Waltke explicita a relação entre forma literária e revelação. Sua leitura impede que a abordagem literária permaneça apenas no campo da estética ou da crítica cultural. A forma bíblica não é apenas bela, simbólica ou tecnicamente sofisticada: ela participa da comunicação de uma verdade teológica recebida pela comunidade de fé como revelação.

A dimensão espiritual da leitura, em Waltke, decorre dessa compreensão. O texto bíblico não foi escrito apenas para ser analisado, mas para formar a fé, a imaginação e a obediência do leitor. Isso não autoriza uma leitura devocional sem rigor; ao contrário, exige que a recepção espiritual seja sustentada por atenção literária, sensibilidade teológica e responsabilidade hermenêutica. A narrativa bíblica transforma precisamente porque comunica sua verdade por meio de formas concretas: cenas, personagens, repetições, juízos, promessas e imagens.

Em Gênesis, essa articulação entre forma e revelação aparece de modo exemplar. A criação é narrada por meio de ordem, separação e bênção; a queda introduz ruptura relacional e moral; o dilúvio dramatiza juízo e preservação; Babel encena a ambição humana e a dispersão; as genealogias situam a história sob continuidade e limite. A doutrina não é acrescentada posteriormente à narrativa. Ela emerge da própria forma do relato. Nesse sentido, Waltke oferece uma formulação decisiva: a Bíblia não apenas contém teologia em linguagem literária; ela narra teologicamente.

5 FORMA, ABERTURA E LIMITE: CRITÉRIOS PARA UMA HERMENÊUTICA LITERÁRIO-TEOLÓGICA

A leitura literária da Bíblia, conforme articulada por Ryken, Frye, Alter e Waltke, converge em um ponto decisivo: a forma textual não é elemento secundário da Escritura. Gêneros, imagens, símbolos, repetições, silêncios, cenas-tipo, estruturas narrativas e padrões composicionais participam da construção do sentido teológico. Essa convergência, porém, não elimina diferenças importantes entre os autores. Cada um deles compreende a relação entre forma e teologia a partir de ênfases distintas, o que permite estabelecer uma síntese crítica mais precisa.

Ryken oferece a base estético-genológica da discussão. Sua contribuição está em demonstrar que a Bíblia deve ser lida segundo os modos literários em que foi composta: poesia como poesia, narrativa como narrativa, provérbio como provérbio, apocalipse como apocalipse. Com isso, evita-se a leitura atomizada que transforma textos bíblicos em proposições isoladas, desconsiderando gênero, ritmo, imagem e composição. O limite de sua abordagem está na tendência de privilegiar a unidade estética da forma final, sem aprofundar suficientemente as tensões históricas, redacionais e canônicas que atravessam a formação dos textos bíblicos.

Frye amplia essa discussão ao compreender a Bíblia como estrutura arquetípica. Seu interesse não está apenas nos gêneros literários, mas na rede simbólica que atravessa a Escritura: jardim, árvore, pão, rio, monte, cidade, queda, êxodo, exílio e restauração. Esses elementos funcionam como matrizes imaginativas que organizam a percepção religiosa e cultural do mundo. A contribuição de Frye é relevante porque mostra que a Bíblia não apenas utiliza símbolos, mas forma uma gramática simbólica abrangente. Seu limite, contudo, está na amplitude da categoria de arquétipo. Quando não controlada pelo texto concreto, pela história literária e pelo contexto canônico, essa categoria pode favorecer leituras sugestivas, mas pouco verificáveis.

Alter, por sua vez, desloca a atenção para a microestrutura narrativa. Sua leitura é menos panorâmica que a de Frye e mais atenta à técnica literária concreta. Repetição com variação, elipse, ironia, ambiguidade, diálogo e cenas-tipo são, em sua abordagem, procedimentos pelos quais a narrativa bíblica produz sentido. A teologia não aparece apenas em declarações explícitas, mas no modo como o texto organiza o enredo, retém informações, repete palavras, constrói personagens e convoca o leitor ao discernimento. O limite de Alter está

no fato de que sua abordagem, embora reconheça a função religiosa do texto, permanece predominantemente literária. Ele mostra com rigor como a narrativa comunica sentido, mas não desenvolve uma doutrina da revelação ou da inspiração.

Waltke integra a análise literária ao horizonte da teologia bíblica. Em sua leitura, a forma narrativa não é apenas bela, simbólica ou tecnicamente sofisticada; ela é meio de comunicação da revelação. A narrativa bíblica funciona como doutrina narrada: criação, queda, juízo, aliança, promessa e redenção aparecem incorporados ao drama histórico-literário do texto. Sua contribuição é decisiva porque impede que a leitura literária permaneça no plano da estética ou da crítica cultural. Ao mesmo tempo, seu modelo exige cautela: a leitura confessional e cristocêntrica não deve antecipar sínteses doutrinárias que apaguem a particularidade literária, histórica e narrativa de cada passagem.

Quadro 8 – Convergências e limites nas abordagens literárias da Bíblia

Autor	Ênfase principal	Contribuição para a tese	Limite metodológico
Ryken	Gêneros, arte verbal e concretude imagética	Mostra que a forma literária orienta a interpretação do conteúdo teológico.	Pode privilegiar a unidade estética sem explorar suficientemente tensões históricas e redacionais.
Frye	Arquétipos, símbolos e imaginação bíblica	Demonstra que a Bíblia organiza uma gramática simbólica abrangente.	A categoria de arquétipo pode tornar-se ampla demais se não for controlada pelo texto concreto.
Alter	Técnica narrativa, elipse, repetição e ambiguidade	Mostra que a teologia emerge da própria composição narrativa.	Permanece mais próximo da crítica literária do que de uma teologia explícita da revelação.
Waltke	Doutrina narrada e revelação formal	Integra forma literária, narrativa bíblica e teologia da revelação.	Pode harmonizar teologicamente o texto antes de considerar suas tensões literárias específicas.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Ryken (2017), Frye (2021; 2022), Alter (1992; 2007) e Waltke (2003).

A comparação entre esses autores permite formular uma posição hermenêutica mais equilibrada. A Bíblia deve ser lida como literatura não porque sua dimensão teológica seja suspensa, mas porque sua teologia se comunica por formas literárias concretas. A forma não substitui o conteúdo, mas configura. A narrativa, a poesia, o símbolo, a genealogia, o provérbio, a parábola e o apocalipse não são recipientes neutros de uma mensagem que poderia ser

retirada deles sem perda. Ao contrário, a mensagem bíblica é inseparável do modo como foi verbal, simbólica e narrativamente construída.

Se a forma literária abre possibilidades de sentido, ela também impõe limites. A leitura simbólica da Bíblia não autoriza interpretações arbitrárias. Nesse ponto, a contribuição de Umberto Eco torna-se relevante. Ao discutir os limites da interpretação, Eco rejeita tanto a ideia de que o texto possua apenas um sentido rigidamente fechado quanto a concepção de que qualquer leitura seja válida. Entre a rigidez interpretativa e a liberdade ilimitada do leitor, Eco propõe uma hermenêutica regulada pela coerência interna da obra, por sua organização textual e por seus limites semânticos (Eco, 2015).

A noção de *intentio operis*⁶ é decisiva para essa discussão. Para Eco, a interpretação não deve ser governada apenas pela intenção empírica do autor nem pela vontade subjetiva do leitor, mas pela intenção da própria obra, isto é, pelo conjunto de estratégias textuais que orientam e restringem os caminhos interpretativos possíveis. A obra literária pode ser aberta, mas não é ilimitada. Sua abertura não significa ausência de forma, e sim pluralidade controlada por estruturas internas de coerência. Aplicada à leitura bíblica, essa perspectiva permite afirmar que os símbolos, imagens e narrativas da Escritura podem gerar múltiplas ressonâncias, desde que tais ressonâncias permaneçam vinculadas à economia textual, ao gênero literário, ao contexto canônico e à coerência teológica do texto.

Esse critério é particularmente importante diante das abordagens simbólicas e arquetípicas. A imagem do jardim, por exemplo, pode ser relacionada à criação, à comunhão, à perda, à esperança escatológica e à restauração. Entretanto, nem toda associação com “jardim” será legitimamente bíblica. A interpretação precisa demonstrar como essa imagem funciona no texto, quais relações estabelece com outras passagens, que tensões produz e quais limites o próprio discurso bíblico impõe. Isso vale para imagens como

⁶ A expressão *intentio operis*, em Umberto Eco, refere-se à “intenção da obra”, isto é, ao conjunto de estratégias internas pelas quais o próprio texto orienta, autoriza e limita suas interpretações possíveis. Eco distingue essa noção tanto da *intentio auctoris* — a intenção empírica do autor — quanto da *intentio lectoris* — a intenção ou projeção subjetiva do leitor. Desse modo, interpretar não significa recuperar simplesmente o que o autor quis dizer, nem atribuir ao texto qualquer sentido desejado pelo leitor, mas submeter a leitura à coerência interna da obra, à sua organização semântica e aos limites que o próprio texto impõe. Fonte: ECO, Umberto. Os limites da interpretação. São Paulo: Perspectiva, 2015.

árvore, cidade, rio, pão, arca ou torre. A leitura simbólica torna-se academicamente consistente quando é capaz de justificar suas conexões, e não apenas sugerir-las.

Eco ajuda, portanto, a corrigir um possível risco da leitura literária da Bíblia: transformar a riqueza simbólica do texto em elasticidade interpretativa. O símbolo bíblico é polissêmico, mas não indefinido. A narrativa bíblica é aberta à participação do leitor, mas não se submete a qualquer projeção subjetiva. A forma literária amplia a interpretação, mas também a disciplina. Repetições, paralelismos, cenas-tipo, quiasmos, elipses e ambiguidades não são convites à imaginação descontrolada; são estruturas de sentido que exigem atenção, método e responsabilidade.

Com isso, a hermenêutica literário-teológica aqui proposta distancia-se de três reducionismos. O primeiro é o reducionismo histórico-fragmentário, que tende a decompor o texto em camadas de formação e, com isso, pode perder de vista a força literária da forma final. O segundo é o reducionismo dogmático-atomizado, que extrai proposições doutrinárias isoladas sem considerar gênero, composição e estratégia discursiva. O terceiro é o reducionismo simbolista, que amplia indefinidamente as possibilidades de sentido sem demonstrar sua sustentação textual. A leitura literário-teológica precisa evitar os três: não deve fragmentar a forma, não deve achatar o texto em fórmulas e não deve dissolvê-lo em associações ilimitadas.

A posição resultante é, portanto, uma hermenêutica literário-teológica regulada. Literária, porque reconhece a centralidade da forma, do gênero, da imagem e da narrativa. Teológica, porque compreende essa forma como mediação da revelação e não apenas como artefato cultural. Regulada, porque admite a abertura simbólica do texto sem abandonar os critérios de coerência, verificabilidade e responsabilidade interpretativa. Ler a Bíblia como literatura é, nesse sentido, acolher o modo como a Escritura comunica sua verdade, sem separar aquilo que ela diz da forma pela qual o diz.

CONCLUSÃO

Este estudo partiu da hipótese de que a Bíblia não comunica sua verdade apesar da forma literária, mas por meio dela. O percurso desenvolvido permite

sustentar que a forma não é camada posterior ao conteúdo, nem recurso ornamental agregado à mensagem. Na Escritura, narrativa, poesia, símbolo, repetição, silêncio, genealogia, metáfora e composição participam da própria inteligibilidade teológica do texto. O que a Bíblia diz está profundamente vinculado ao modo como ela diz.

A análise dos quatro autores evidencia essa relação sob perspectivas distintas. Ryken contribui ao recolocar gêneros, imagens e concretude verbal no centro da leitura bíblica. Frye amplia o problema ao mostrar que a Escritura organiza uma rede simbólica capaz de formar a imaginação religiosa. Alter demonstra que a teologia bíblica pode emergir da técnica narrativa, especialmente da repetição, da elipse, da ironia e da ambiguidade. Waltke, por fim, reinsere essa discussão no campo da revelação, ao compreender a narrativa como forma teológica e não apenas como estrutura estética.

A comparação entre esses autores mostra que a leitura literária da Bíblia não pode ser reduzida nem à apreciação estética nem à extração doutrinária. Se a forma for tratada apenas como beleza verbal, perde-se sua força teológica; se for ignorada em nome de proposições abstratas, perde-se o modo próprio pelo qual a Escritura comunica. A leitura literário-teológica precisa manter essa tensão: a Bíblia é texto, mas é texto recebido como revelação; é literatura, mas não apenas literatura; é forma verbal, mas forma verbal teologicamente carregada.

A contribuição de Umberto Eco ajuda a precisar esse ponto. A abertura simbólica do texto bíblico não autoriza qualquer interpretação. A forma amplia os sentidos possíveis, mas também os disciplina. A **intentio operis** impede que a leitura se torne projeção subjetiva do intérprete, pois exige atenção à coerência interna da obra, à organização textual, aos limites semânticos e ao horizonte canônico em que os símbolos circulam. Assim, a leitura literária da Bíblia precisa ser aberta o suficiente para reconhecer sua densidade simbólica, mas rigorosa o suficiente para não dissolver o texto em associações arbitrárias.

Dessa forma, a proposta defendida aqui se distancia de três reduções: a fragmentação histórico-redacional que obscurece a força da forma final; o literalismo dogmático que isola enunciados sem considerar gênero e composição; e o simbolismo ilimitado que confunde riqueza imagética com liberdade interpretativa sem controle. Contra esses desvios, propõe-se uma

hermenêutica literário-teológica regulada, capaz de reconhecer a forma como mediação legítima da revelação.

Ler a Bíblia como literatura, portanto, não significa diminuir sua autoridade teológica, mas levá-la a sério em sua concretude textual. A Escritura não apenas informa; ela narra, canta, dramatiza, cala, repete, contrasta e figura. Sua verdade não se apresenta somente em conceitos, mas em formas. Por isso, a pergunta hermenêutica decisiva não é apenas o que o texto bíblico afirma, mas como sua forma literária participa daquilo que ele revela.

REFERÊNCIA

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ALTER, Robert. **The World of Biblical Literature**. London: Society for Promoting Christian Knowledge; New York: Basic Books, 1992.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FRYE, Northrop. **A Bíblia e os mitos clássicos**: a estrutura mitológica do pensamento ocidental. Campinas: Sétimo Selo, 2023b.

FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Campinas: Sétimo Selo, 2023a.

FRYE, Northrop. **O grande código: a Bíblia e a literatura**. Campinas: Sétimo Selo, 2021.

FRYE, Northrop. **O poder das palavras: a Bíblia e a literatura II**. Campinas: Sétimo Selo, 2022.

RYKEN, Leland. **Para ler a Bíblia como literatura**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

RYKEN, Leland; LONGMAN III, Tremper (Ed.). **A complete literary guide to the Bible**. Grand Rapids: Zondervan, 1993.

WALTKE, Bruce K. **Comentário de Gênesis**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.